

Veja e o PT: do "risco Lula" ao "Lula light" Carla Luciana Silva*

Resumo:

Este artigo propõe uma análise da relação da revista *Veja* com o PT, especialmente nos processos eleitorais de 1989, 1994, 1998 e 2002. A revista manteve-se coerente com a postura de criticar o "radicalismo" do partido, mesmo quando teve que aceitar a sua vitória. Apoiou a postura mais "moderada" do partido, especialmente de Lula. Muitas vezes chegou a distinguir o partido do político, elogiando a este por aquele ser "confuso". *Veja* sempre colocou como questão fechada a eliminação das alas chamadas radicais.

A revista *Veja* assumiu ao longo dos anos 1990 um papel de partido, na acepção gramsciana: formulando, organizando, dirigindo os rumos políticos. Sua atuação se estendeu também à formulação ideológica, construindo a idéia de que "não há alternativas", legitimando "a globalização" e também criando consumidores. Esse artigo analisa um dos aspectos da atuação da revista, sua relação com o Partido dos Trabalhadores. A revista manteve-se coerente com a defesa de um programa político, o neoliberal. O partido passou por uma prática *transformista*, alterando sua linha política ao longo da década (Coelho, 2005). A soma desses dois fatores, em uma conjuntura de crise, acabou levando o PT ao governo, consolidando o aprofundamento das práticas neoliberais. A análise privilegia o discurso da revista, destacando seu sentido de intervenção na realidade "noticiada". *Veja* afasta Lula do partido, centrando a crítica nos "radicais". Na medida em que o partido vai assumindo uma postura mais moderada, muda o foco de quem seriam os radicais, exigindo sempre maiores concessões programáticas. Ressalte-se apenas que o centro da análise aqui é a revista como agente político.

1989: o PT que "mete medo"

A ida de Lula ao segundo turno das eleições presidenciais de 1989 foi mostrada por *Veja* como uma conjuntura grave, de eleição de um candidato "radical", de esquerda. Ficou claro o caráter de conflito de classes do processo em disputa:

O país marcha para o segundo turno da eleição presidencial com algumas pessoas tentando vender a idéia de que na campanha e nas urnas, haverá uma grande disputa entre capital e trabalho. É certo que Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva têm origens pessoais, carreiras políticas e propostas de governo bastante diferentes. Mas de maneira alguma é possível afirmar, a partir das diferenças entre os dois candidatos, que os eleitores estejam colocados ante a alternativa de escolher (...) um governo que vá fazer o país funcionar sem capital ou um outro que pretenda

*Professora Adjunta do Curso e do Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em História pela UFF. carlalssilva@uol.com.br

abolir a existência de trabalhadores. (Falsa oposição entre capital e trabalho. Carta ao Leitor. *Veja*. 29/11/89: 45. Grifei)

Mesmo que propostas radicais estivessem no discurso do candidato, *Veja* explicitava, e sua posição aparecia como irrefutável, que isso não seria possível **de maneira alguma**. Falando a todos os desavisados sobre “o risco” que se corria, didaticamente, explicava as razões:

Essa alternativa não existe por três motivos básicos. Primeiro porque nem Collor nem Lula estão raciocinando nesses termos de **radicalismo absurdo**. (...) É **inimaginável pensar** que a economia brasileira, neste período difícil que atravessa, possa ser minimamente reordenada sem a colaboração da iniciativa privada e dos trabalhadores. (id.)

Veja chamava para a colaboração de classes, expressando uma autoridade redundante: seria “inimaginável” uma outra solução. Seria um risco à dominação de classe um governo “radical”, embora isso não pudesse ser expresso por ela dessa forma. Não poderia, no discurso de *Veja*, se aceitar alternativas. A justificativa vinha colada à idéia de que “não há alternativas”:

A História vem dando mostras em todos os pontos do planeta, e de maneira cada vez mais eloqüente, de que **a oposição frontal entre capital e trabalho não é solução para coisa alguma**. (...) Se o capitalismo selvagem não faz parte de nenhuma força política relevante no mundo inteiro, tampouco há partidos (...) dispostos a defender **a ortodoxia do marxismo e a ditadura do proletariado**. Qualquer que seja o eleito, ele terá de se haver com esse **mundo real** em que **capital e trabalho se aproximam**. (id.. Grifei)

A demonstração do que “realmente queria” o candidato serviu para a denúncia da suposta ameaça que o mesmo representaria. A ameaça à dominação de classe aparecia em *Veja* como sendo “ao país”, incluindo os próprios trabalhadores. Com esse sentido publicou a matéria de capa: “**a hipótese de Lula**: o candidato do PT divide o eleitorado com suas propostas econômicas e acende uma discussão sobre os rumos do capitalismo no país”. (*Veja*. 29/11/89: 52. Grifei.) Está alertando aos leitores que a hipótese poderia se concretizar. Aparece o próprio capitalismo como estando ameaçado na “hipótese Lula”, que seria “*uma grande e nervosa novidade*”. (id.). A revista alerta (aos empresários) para a necessidade de “promover uma virada nas últimas três semanas”... e “derrotar” o candidato. É como se fosse apenas a continuação de uma partida anterior: “é verdade que existem pelo menos 12 milhões de brasileiros que **torcem pela vitória** do candidato Luis Inácio Lula da Silva, tanto que **foram capazes** de lhe dar seus votos no primeiro turno”. (id.). A metáfora do futebol ajuda a confundir realidade e mundo virtual, na medida em que assemelha a vitória eleitoral com aquela que se obtém torcendo (irracionalmente) para um time qualquer.

O mais importante é a caracterização do “radicalismo”: “nunca houve um candidato, um partido como o PT, em que, entre várias correntes, se abrigam sindicalistas com variados **graus de agressividade, líderes grevistas e seitas esquerdistas** que adoram fazer **elogios ao sandinismo**

da Nicarágua, **ao comunismo cubano de Fidel Castro** e à **luta de classes**”, que pudesse “passar a administrar a máquina do governo federal”. (id.) A agressividade é mais uma vez associada ao comunismo: os grevistas, as seitas esquerdistas, a luta de classes. *Vêja* foge da politização evidente da eleição. Ao mesmo tempo, insiste no perigo que se corria, como quem diz “é hora de acordar” e “corrigir o erro”:

Pode-se apostar que até semana passada a grande maioria da população brasileira nunca tinha sequer imaginado amanhecer com Luis Inácio Lula da Silva sentado no gabinete do 3º andar do Palácio do Planalto e o PT com a responsabilidade concreta de decidir como deve funcionar a oitava maior economia do Ocidente. (id.)

Ainda que apontando o perigo como uma “*hipótese minoritária*”, alertava, disseminando o medo:

Lula se transformou no maior **pólo de ansiedade** política jamais vivido por todos os brasileiros que não partilham de suas receitas para consertar o país, ou mesmo, têm puro e simples **horror a elas**. Aquela fatia da população que é **dona do próprio negócio** tem a impressão de que **vai ficar muito mais difícil trabalhar, investir e ganhar dinheiro** caso a hipótese Lula se transforme no presidente Lula. As pessoas que conseguiram formar um pequeno patrimônio ao fim de uma vida de trabalho, mesmo que seja uma casa posta para alugar, perguntam-se **o que pode lhes acontecer**. (...) Grandes empresários temem que Lula **atrapalhe seus negócios**. (id.: 53)

Reproduzindo um anticomunismo que vinha do início do século XX (Silva, C. 2001), a revista conclama advogados, empresários, pequenos proprietários, que não tinham se dado conta dos riscos que estariam supostamente correndo. Alguns desses elementos são retomados no box “*os empresários e o PT*”, com os principais “medos” atribuídos a Lula, demarcando os interesses do capital:

O maior temor dos industriais é o de que o governo Lula venha a taxar exageradamente os lucros, aumentar os salários e punir certos setores com mais burocracia e impostos. Diante disso, os industriais poderiam ser levados a diminuir seus investimentos; o que preocupa as multinacionais é a lei de remessas de lucros ao exterior. Se elas forem reduzidas ou cortadas a zero, as empresas já instaladas no Brasil poderão diminuir seus investimentos, e as que pretendem vir para cá poderão optar por outros países; o maior temor dos bancos com um governo petista será o aumento dos impostos no setor financeiro e também a suspensão do pagamento da dívida externa. (...) Os fazendeiros se assustam com a proposta de reforma agrária do PT, que propõe mexer até mesmo na Constituição para poder picotar as chamadas terras produtivas. (id.. Grifei)

A ameaça de que o Brasil perderia investimentos permite popularizar a defesa das multinacionais, como se elas não exigissem, ao contrário, que o Estado criasse condições com seus próprios recursos para a sua manutenção. A defesa do capital financeiro é explícita, complementada nas palavras do dono do Bamerindus: “não acredito na vitória do PT, mas, se por acaso o Lula for vencedor, viriam **dias negros** para o país”. (id.: 54. Grifei) Se destaca a ameaça, que se daria não apenas para os bancos, mas para “o país”. Há ainda uma ameaça velada de volta da ditadura, argumento recorrente da revista:

Talvez se pudesse dizer, exagerando, que Lula tem um remoto **parentesco mental** com o ex-presidente João Goulart, derrubado pelo golpe de 1964. A diferença é que Jango se dizia nacionalista, era latifundiário e fizera carreira como ministro do Trabalho. Lula se diz **socialista**, é um **ex-retirante** que fez carreira como **líder sindical** e tem sido o adversário principal de todos os ministros do Trabalho que encontrou pela frente. (id.)

Inferimos que o risco seria ainda maior com Lula (socialista, retirante e sindicalista) do que fora com Jango, que foi “derrubado pelo golpe”. A tensão de classes estava de tal forma delineada que mesmo nas vésperas da eleição *Veja* optou por tornar sua opção ainda mais explícita:

VEJA considera que não será com estatização, com cerceamento à livre iniciativa, com o incremento de conflitos entre capital e trabalho, com restrições aos investimentos, com o isolamento do mundo desenvolvido e com o nivelamento por baixo que o país irá melhorar. A revista defende desde a sua fundação, e reafirma nesta véspera de eleição, que o caminho para melhorar as condições de vida dos brasileiros é o da liberdade política e econômica, com o Estado se limitando a atuar na área da infra-estrutura econômica e social e servindo como catalisador e redistribuidor dos frutos do desenvolvimento. (*Veja*. 13/12/89: 43. Grifei)

A realidade é oposta à harmonia discursiva da revista, é sim um processo claro de luta de classes. *Veja* combatia a candidatura que era expressão de movimentos sociais que tendiam a empurrar o governo para uma alternativa não comprometida com a “economia de mercado”. Por fim, com a ajuda dos demais meios de comunicação, especialmente a Rede Globo, o candidato Collor foi eleito.

Eleições de 1994: Lula “aprendendo”

Não há espaço aqui para mostrarmos a forma com que *Veja* ajudou a pautar o programa neoliberal no governo de Collor e foi hostil ao governo de Itamar Franco. O que analisamos é o fato de que em 1994, mais uma vez, a revista buscou organizar as forças em torno de um nome capaz de combater a candidatura de Lula da Silva. Era fundamental afinar-se com um nome, e FHC parecia ser a opção mais adequada ao projeto comum. Ele “é o candidato dos **sonhos do anti-Lula** com o charme único de quem agrada à Fiesp e ao FMI, já foi exilado na Sorbonne e tem alunos que fundaram o PT”. (*Veja*. 16/3/94: 30. Grifei). O quadro abaixo reproduz um box da matéria:

Caça ao anti-Lula	
Uma pesquisa da Fato, Pesquisa e Jornalismo, PFJ, ouviu 52 pessoas, entre executivos, empresários e profissionais liberais. Os entrevistados disseram quais os candidatos com mais condições de derrotar o PT (em %)	
Fernando Henrique Cardoso	62
Antônio Britto	52
Orestes Quércia	14
Ciro Gomes	12
Luiz Antônio Fleury Filho	12
Paulo Maluf	10
Mário Covas	8
Antonio Carlos Magalhães	4

Jarbas Passarinho	4
Leonel Brizola	4
Obs.: a soma é superior a 100% porque cada entrevistado citou dois nomes	

QUADRO 1: Caça ao anti Lula. *Veja*. 16/3/94: 30.

Depois de decidida a candidatura de FHC, *Veja* participou ativamente de sua construção. A revista adotou uma tripla tática na campanha: a) insistir sobre o risco Lula, apontando-o como ameaça efetiva para a modernização. Isso permitiria soldar as alianças internas em torno de FHC, e se configuraria como uma espécie de retórica da ameaça para o grande público; b) inflar a candidatura de FHC; c) desqualificar o PT como arcaico, rançoso, rancoroso e, finalmente, como incapaz.

No início de 1994 *Veja* alertava: “mortos-vivos tentam se mover: no fundo do poço do Ibope, os partidos entram na sucessão com um problema único: quem enfrenta Lula?”. (*Veja*. 12/1/94: 18.) Analisava que o candidato do PT “goza de uma situação de conforto *relativo*”, citando as palavras do editor do programa de Lula, César Benjamin, “que foi colega do capitão Carlos Lamarca na organização terrorista [sic] MR-8”: “o PT é a favor da moratória da dívida externa, de discutir o pagamento da dívida interna e de interromper o programa de privatização”. Explicita novamente “os riscos” que se correria com a eleição de Lula, ou seja, de enfrentamento direto do programa defendido pela revista e mais uma vez sinalizava que “até agora existe só Lula – e uma penca de esforçados desesperados para despontar como o candidato capaz de enfrentá-lo”. (id.: 20)

Alertava a direita e inventava modos variados de atacar o candidato do PT e o seu partido. O principal foi a exploração das contradições do próprio partido e a existência de alas “radicais”, mostrando que Lula estava tentando tornar-se mais moderado: “para passar uma imagem palatável, o partido abandona a velha firmeza e começa a gaguejar nas indecisões”. (O PT falou e disse. *Veja*. 23/2/94: 28.) O resultado não poderia dar certo. A matéria de capa “Lula sozinho na estrada” foi especialmente produzida para confundir o eleitor e alertar. O candidato aparece caminhando sozinho. Embora se diga que Lula “vai para estrada, aplaca a direita e afaga a esquerda”, a imagem é de alguém solitário, sem apoio, despreparado.

A revista percebe e assinala uma certa mudança de rota, afastando o candidato de seu passado “radical”, que passa a ser apenas passível de uma “*nostalgia*”. Mas não confia nisso, o fato de Lula ter um discurso mais moderado, poderia ser apenas uma forma de dissimulação, como argumenta *Veja*, só ele definiria “que faixas tocam o 94 ou o 72”:

Lula quebrou a escrita de todas as campanhas presidenciais, inclusive a sua de 1989. Dividiu-se entre os grandes plantadores e os pobres assentados por programas governamentais e invasões, confundindo-se deliberadamente com os Sem-Terra. Lula 94 é capaz de fazer coisas que Lula 72 não fazia, mas a naturalidade com que se meteu nos caminhos de barro dos assentamentos indica que Lula recente é capaz de qualquer coisa que o de 1972 tenha feito. (id.: 26)

Após demarcar o candidato à sombra do MST, radical, lembrava mais uma vez dos “riscos implícitos” e chamava ao consenso:

Lula está **sozinho na estrada**. Faltam sete meses para a eleição presidencial e ele está na frente, com 30% das preferências, diante de adversários amedrontados e ainda incapazes de **produzir candidato** com 20% de peso. Segundo o Mapa das Elites (...) a **taxa de medo a Lula** subiu de 54% em setembro para 80% no início de fevereiro. (id.)

Veja insistia em dizer que ele “está sozinho”, pois ainda não tinha concorrentes. Caberia aos amedrontados fazer alguma coisa: superar os 20%, produzir um candidato capaz de vencer “o perigo”.

Quando a candidatura de Lula é lançada, a notícia é “Candidato cor-de-rosa: o PT mostra bandeira branca para os credores externos, dá sinal vermelho aos militantes e lança o Lula social-democrata”. (*Veja*. 11/5/94: 49). A revista esclarece que não acredita nisso, pois “O PT mostrou que é possível virar social-democrata em três dias”. E diz que Lula “talvez imagine que conseguirá iludi-los pelo menos até a eleição”. (id.: 50) O candidato é apresentado como dissimulado no momento em que buscava parecer mais “light”.

A revista chamou atenção para a mudança no símbolo da campanha de Lula que “adotou o verde-amarelo na marca de sua campanha e confinou o vermelho, célebre cor das esquerdas, a uma estrela”, que “foi importada pelos socialistas do PT das bandeiras dos extintos países comunistas”, e “é vermelha”. (*Veja*. 8/7/94: 34). Portanto, registra a mudança de rumo. Mas não estava convencida, uma longa matéria de capa insiste no medo e no perigo: “por que o partido de Lula brilha e assusta”. (*Veja*. 15/6/94) A matéria completa: “O PT BRILHA E TAMBÉM METE MEDO: como é o partido que empurra a caravana de Lula, promove agitação e está na frente das pesquisas”. (*Veja*. 15/6/94: 38) Há a desqualificação, e a ameaça concreta, algo deveria ser feito por quem se sentia ameaçado.

Lula é mostrado como o “patrono e líder máximo” de um partido “criado há catorze anos em um encontro de sindicalistas, intelectuais e esquerdistas num restaurante frango-com-polenta em São Bernardo do Campo”. Para tornar mais claros todos os riscos e o caráter perigoso de uma eleição de Lula, o diagnóstico é detalhado:

Lula não é um candidato que tranquiliza. Com um braço na CUT e outro nos sem-terra, o PT é um **partido associado à idéia de desordem**. Em caso de vitória de Lula, existe a possibilidade de elevação da temperatura social do país, **com greves e invasões de terras** numa escala como nunca se viu. (...) O PT é **contra as privatizações de estatais** e seu programa admite reestatizar empresas privatizadas. Diz que pretende estimular a geração de empregos retirando dinheiro estocado no mercado financeiro – o que só seria possível a partir de **intervenção** no mercado de matiz **caloteiro**. (id.. Grifei)

A posição estava clara: o “país” estaria concretamente ameaçado pela desordem, pelo calote. Sendo eleito - mesmo que pela maioria de votos - o

país estaria ameaçado, na “contracorrente”. Mesmo que houvesse um discurso mais moderado, *Veja* fazia questão de salientar o perfil dos militantes e das correntes do PT, para concluir que

O PT é **um partido confuso, que não sabe direito o que quer**. Que tem radicais, moderados, comunistas e católicos, estudantes que se tornaram prefeitos, sindicalistas que conquistaram um mandato parlamentar, trabalhadores horrorizados diante da possibilidade de voltar à produção um dia. (id.: 41, Grifei)

Mas a revista não confia no discurso de Lula: “não dá para comparar nem com Getúlio Vargas nacionalista de 1950, nem com o João Goulart aventureiro levado ao Planalto depois da renúncia Jango em 1961”. (*Veja*. 15/6/94: 7). Jango, vice-presidente eleito é mostrado como um “aventureiro levado ao Planalto”, legitimando o golpe de 1964. A conclusão é alarmante e busca confundir, apontando para um suposto autoritarismo:

Se fosse o que não é, um partido bolchevique, o PT estaria mobilizando as massas para a tomada revolucionária do poder - a campanha presidencial seria um simples pretexto. No seu programa, estaria rabiscando a forma mais adequada de **expropriar o capital**, fazer a **divisão socialista da propriedade** privada e assentar a base do plano quinquenal que inauguraria a era do planejamento econômico e centralizado. Ocorre que o PT é um partido confuso-reformista, que agrada tanto a multidões de miseráveis quanto a setores empobrecidos da classe média, **todos eles dispostos a dizer não aos usos e costumes da política brasileira**. Seu maior problema talvez seja o de suas relações com as instituições democráticas. (id.: 44, Grifei)

Daqui em diante a revista investiria em construir e apoiar a candidatura de FHC. Enfatizava a desestabilização de Lula, que teria perdido sua identidade ao mudar suas propostas a partir das pesquisas eleitorais, como por exemplo: “Para muitos eleitores, o PT é um partido ‘baderneiro’. Em função disso, o PT faz o possível para ficar longe da agitação sindical. Há um mês, quase não reagiu quando dois militantes da CUT foram assassinados no interior de São Paulo.” (*Veja*. 3/8/94: 29)

Ao final, o resultado foi a eleição de Cardoso já no primeiro turno. O seu governo seria marcado pelo apoio incondicional da revista, que agiu sempre como agente mobilizador sempre que os conflitos sociais se colocassem como empecilho às medidas neoliberais (Silva, C. 2005).

Eleições de 1998: o candidato cabisbaixo

O apoio da revista à reeleição foi explícito. Cardoso foi apresentado como o “CANDIDATO REAL: FHC se prepara para outra campanha ancorado na moeda”. (*Veja*., 7/1/98: 24.) A revista reforça a idéia de uma eleição automática: “UM COMEÇO DIFERENTE: reeleição e prestígio de Fernando Henrique dão o ritmo da campanha de 1998”. A desqualificação do principal candidato que ameaçaria FHC era constante e crescente. Com destaque, anunciava: “Entre o ser o e não ser: Lula admite desânimo na disputa pela Presidência e fala dos danos pessoais que a política lhe trouxe”. (*Veja*. 11/3/98: 28). O fato é retomado: “Suspense petista. Lula jura que não, mas é grande o temor no PT de que ele renuncie à candidatura”. (*Veja*.

18/3/98: 28). Enfatiza o desânimo e apresenta frases rancorosas. Destacava uma feição triste e preocupada de Lula, para anunciar que ele “passou a semana em crise”, completando que “Lula voltou a falar em desistir da disputa”. (*Veja*. 6/4/98: 34.)

Em paralelo, a indução de que Lula já seria um candidato sem novidade: “pesquisas mostram que o eleitor quer novidades, mas não as encontra nos candidatos da oposição”, por isso, a manchete: “PROCURA-SE UM CANDIDATO”. (*Veja*. 20/5/98: 44) A explicação vem com a palavra de Marcos Coimbra: “Fernando Henrique **está aí, à espera da reeleição**. Lula e Enéas concorrem pela terceira vez!” Restava confirmar FHC (novidade?) que estava apenas “à espera da reeleição”.

Em junho publicou uma matéria de capa: “LULA ENTRA NO JOGO”. (*Veja*. 10/6/98), explicando que: “o Lula da eleição deste ano é diferente do Lula que disputou com FHC em 1994. (...) O Lula de 1994 não mandava no PT, um partido formado por **dezenas de alas esquerdistas**. O Lula de 1998 tem um controle que os críticos internos comparam ao do cacique maior do PFL. **Lula é o ACM do PT**. Não no sentido caudilhesco, mas do comando de partido’, diz o deputado petista Milton Temer, da ala radical”. (*Veja*. 10/6/98: 42). Ou seja, mostra diversidade mas reitera o papel da liderança. Complementava com a fala de Mailson da Nóbrega: “seu programa econômico tem incoerências muito grandes. Está mais próximo da esquerda européia dos anos 50 do que do primeiro-ministro inglês Tony Blair (...) Isso **pode assustar** a classe média que é conservadora e hoje já representa mais da metade do eleitorado”. (id.. Grifei) Este é o ponto principal a ser entendido pela própria classe média a respeito do candidato: a desqualificação, o atraso, a inadequação. Tudo isso deve assustar a classe média que portanto, não deve votar no candidato.

Quando Lula divulgou seu plano de governo, a manchete: “**Plano pela metade**: Lula divulga um programa que não conta para onde vai o Brasil caso ele ganhe as eleições”. (*Veja*. 8/7/98: 50) Destacava: “nenhum programa de governo consegue ser exato, mas o Partido dos Trabalhadores abusa do direito de ser vago em suas intenções”. Foi esse o sentido da “cobertura”, desqualificando a candidatura, apontando a permanência dos “radicais” o “atraso” de seu programa econômico. Tudo isso contribuiu para a reeleição.

Eleições 2002: quem será o “anti-Lula”?

As eleições de 2002 se deram em um contexto distinto. O Plano Real sofrera desgastes devido ao acirramento das conseqüências sociais das políticas neoliberais. A tendência eleitoral parecia ser escolher um candidato que mudasse o rumo. O resultado seria a transformação do candidato “radical”, em alguém “light”, fazendo de Lula (2002), o anti-Lula (1989).

Em nome de um passado de esquerda viria a ser o candidato apropriado para manter as contra-reformas do grande capital.

A capa de 4/7/01 anunciava “LULA LIGHT: na tentativa de parecer simpático e escapar da quarta derrota, o candidato do PT fala agora em fazer alianças amplas e em defender a estabilidade da moeda”. Ele não passa ainda de um “risco”, mas estaria ficando mais adaptado, apontando para “medidas necessárias”. As mudanças no perfil do candidato são demonstradas:

<i>LULA ATRAVÉS DOS TEMPOS</i>	
Uma coletânea de frases mostra a evolução no discurso do presidenciável	
Junho 1981	‘Além de o PT ser um partido de esquerda, é um partido que tem um objetivo socialista.’
Julho 1985	‘Não podemos, não queremos e não devemos pagar a dívida externa.’
Jan. 1986	‘Quando chegarmos ao socialismo vamos dizer como ele será.’
Nov. 1988	‘O PT passaria a ter problemas se abrigasse tendências de direita.’
Jan. 1989	‘Nossa posição é clara: nós teremos de suspender o pagamento da dívida externa.’
Maió 1989	‘Onde tiver um terreno vazio o trabalhador sem moradia deve invadir.’
Fev 1994	‘Sou contra a maneira como os empresários querem a privatização. O que eles querem é pegar empresas que existem e que são rentáveis.’
Maió 1998	‘Podemos fazer alianças sem nos prostituir.’
Fev 2000	‘O PT não está propondo o calote das dívidas externa e interna. Nós queremos, sim, a auditoria da dívida externa.’
Maió 2001	‘Quando questionamos a privatização não é por princípio, e sim questão de necessidade ou não. Temos várias empresas que deveriam ter sido privatizadas e outras que não deveriam.’
Junho 2001	‘Eu acho que essa discussão numa campanha eleitoral, capitalismo e socialismo, está defasada e fora de época.’
Junho 2001	‘Existem contratos que não podem deixar de ser cumpridos, mas isso não significa que sejamos obrigados a concordar com eles.’

FONTE: *Veja*, 4/7/2001: 40 e 41. (Grifos meus)

Ou seja, de alguém orgânico de um partido socialista a alguém “livre” e garantidor da ordem “globalizada”. Ao demarcar a ambigüidade, mostra que ele abandonou elementos que inicialmente eram tidos como imutáveis, especialmente o socialismo. Está clara, quase consolidada a opção pelo *transformismo* do PT. Mas, explica a revista, “há limites”:

Não se pode esperar que um petista se entusiasme de coração com privatização, enxugamento da máquina estatal, reforma da Previdência e combate árduo ao déficit público, como foi ou está sendo feito nos países **mais avançados**. O petista vive num claustro cheio de **divisões e seitas** e, na maioria dos casos, carrega um passado de militância em favor de um modelo de sociedade que deixou de existir com a queda do Muro e Berlim, em 1989. O que parece claro é que **as correntes dominantes do PT aprenderam alguma coisa** com as mudanças ocorridas no mundo e com as derrotas consecutivas na corrida presidencial. A legenda **apostou o sonho socialista** como bandeira pública e **optou pela defesa de um Estado que faça ajustes no modelo neoliberal**. A ala dominante no PT atual pode até sonhar com um igualitarismo utópico, mas faz isso **apenas fora do expediente de trabalho**. De segunda a sexta, aprendeu **a separar a fantasia de realidade**. (id.: 42. Grifei)

Mesmo que existam “os radicais”, *Veja* reconhece e valoriza a “existência de caciques”: “agora ganhou peso a decisão de uma cúpula”. Separa a elite,

com quem quer o diálogo. Aponta ainda assim para a “imaturidade”, de forma pedagógica:

O sonho do PT, em resumo, é administrar um país em que o governo faça investimentos maciços em áreas sociais, conceda subsídios a setores que julgue necessário estimular e, ao mesmo tempo, tenha contas equilibradas; e um país que seja atraente para os investidores estrangeiros. **Não dá para fazer tudo isso ao mesmo tempo. A conta não fecha.** (...) O mundo real tem suas complicações, que os petistas não parecem perceber quando fazem chover suas críticas sobre os administradores do governo tucano. (id.: 43)

Veja, mais uma vez sintetizava: “as **lideranças mais lúcidas** do Partido dos Trabalhadores sabem disso, mas como **a legenda não é monolítica** e é preciso agradar à militância mais à esquerda, a realidade acaba produzindo **esquizofrenias**”, dentre as quais estaria o programa econômico. Os “radicais” seriam necessários para angariar votos, mas isolá-los seria função das “lúcidas lideranças”. A campanha da revista começava a dissociar o candidato do seu partido, para retirar-lhe compromissos de esquerda: “De onde vem o poder do presidente: a história mostra que o sucesso de um governo depende principalmente das **qualidades individuais** do ocupante do cargo” (*Veja*. Capa. 12/6/02).

Depois de serem lançadas várias candidaturas de direita e da revista questionar, aflita “quem vai ser o anti-Lula?”, as pesquisas continuavam mostrando a tendência de vitória do PT. (*Veja*. 17/7/02). Mantinha-se o alerta para os “riscos” que se corria nas outras capas: “porque Lula assusta o mercado” (*Veja*. 22/5/02); “o PT está preparado para a *presidência*?” (*Veja*. 25/9/02).

Veja tentou explorar as contradições do PT, pois era esse o principal “problema do candidato Lula”. Apresentou a campanha como uma “história da carochinha”: “**Lulalice no país das maravilhas**: as metas do PT são generosas. Mas algumas são realizáveis só no campo da fantasia. Assim como algumas de Garotinho, Ciro Gomes e também o tucano José Serra”. (*Veja*. 31/7/02) As propostas “irrealizáveis” seriam: “assegurar que o produto interno bruto cresça em média 5% ao ano, dobrar o salário mínimo no prazo de quatro anos, reduzir a jornada semanal de 44 para quarenta horas (sem redução de salário), gerar 10 milhões de postos de trabalho”. As propostas são caracterizadas como “tão efetivas para promover mudanças quanto **‘abracadraba, leite de cabra, um dois, três**””. Para *Veja*, “o crescimento do Brasil é emperrado por causa do excesso de governo, e não por falta dele”. (id.. Grifei) Esse argumento não se renova, embora a revista acuse a esquerda de “bater sempre na mesma tecla”.

A questão fundamental seria enquadrar Lula, comprometendo-o com posições mais compatíveis com o programa neoliberal, pois “o capitalismo de Lulalice, enfim, não dá nem para brincar de Banco Imobiliário”. (id.) Portanto, se continuasse com chances de se eleger, seria urgente afastar

idéias “radicais”. Para provar isso, a cobertura da “crise do mercado” enfatizava o “risco Lula”. A capa apontava: “porque Lula assusta o mercado” (19/6/02), e anunciava: “a crise explodiu antes da hora: a possibilidade de o Brasil virar uma Argentina é remota. Mas é isso que anda por trás do nervosismo do mercado nas últimas semanas”. (*Veja*. 19/6/02: 37) Longamente se atrelava os problemas econômicos aos riscos da eleição de Lula: “até quem deveria estar esconjurando o desastre, como o presidente Fernando Henrique e o ministro da Fazenda Pedro Malan, admitiu essa hipótese, mesmo com claros objetivos eleitorais. ‘Se um presidente incompetente for eleito, podemos ter a mesma sorte da Argentina’, disse FHC”. (id.)

Completa-se a ameaça: “o fato de que há nervosismo eleitoral com a liderança de Lula nas pesquisas – esse é o principal ingrediente da preocupação – não torna menos dramática a agitação dos mercados. Ela é real, ela antecipa o quadro econômico que eventualmente ocorrerá no ano que vem”. (id.: 38) Continua o patrulhamento, retomando o mote da “imagem exterior”: “o Brasil passou de novo por aquela liturgia humilhante de crise globalizada, com o rebaixamento do crédito brasileiro. O JP Morgan (...) chegou a colocar o Brasil atrás apenas da quebrada Argentina e da paupérrima Nigéria, um dos países mais corruptos e atrasados do mundo”. A analogia era com um jogo de futebol: “parece uma daquelas jogadas infelizes da seleção brasileira”. O poder do banco estadunidense é a “regra do jogo”. O texto é alarmista, e aponta o medo “do mercado”, diante da ameaça eleitoral de Lula:

No derrotismo, o medo toma conta e o desastre parece iminente. ‘A turbulência no Brasil tem suas causas nas incertezas políticas em relação às eleições de outubro’, disse John Taylor, subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos. O FMI manifestou a mesmíssima opinião. Nem um nem outro chegou a apontar claramente Lula como o fator gerador de incerteza. Esse papel coube ao megainvestidor George Soros, cujo nome e as crises parecem andar juntos. **‘O mercado vai impor José Serra’**, disse Soros ao jornal *Folha de São Paulo*. **O que ele quis dizer é simples**. A eleição de Lula, segundo Soros, estrangularia os investimentos externos e levaria ao Brasil à moratória antes da posse do novo presidente. (id.: 37)

Os leitores eram duplamente adestrados: depois da explicação encerrada pela própria revista, caberia concluir que “em time que está ganhando não se mexe”. Didaticamente se explica:

O PT deveria **parar de brincar de socialismo do século passado** e assumir suas **responsabilidades de partido com chances de governar** um país complexo como o Brasil. (...) Nem toda boa vontade do PT ou do Vaticano conseguirá mudar a natureza dos mercados. O componente especulativo faz parte de sua natureza. Existem certas regras sem as quais o capitalismo não funciona de **forma apropriada**. A principal delas é a previsibilidade do mercado. (...) Para ser previsível, **a economia de um país deve garantir que nada mudará** nas regras vigentes e nos contratos assinados. E precisa se comprometer com a estabilização, a austeridade e a responsabilidade fiscal o princípio da previsibilidade e as bases do capitalismo sadio se evaporam quando surgem documentos como o que o PT

produziu falando em ‘ruptura necessária’ hoje em dia, a diferença entre um governo ‘de esquerda’ e um ‘de direita’ pode ser a que quiserem seus protagonistas, mas **nenhum dos dois tem a liberdade de contrariar princípios básicos universalmente aceitos como sadios.** (id.: 40-41)

As “regras do jogo” devem ser intocadas: no mundo de *Veja* “não há alternativas”. Qualquer ataque ao mercado seria “brincadeira irresponsável”. As garantias para o capital precisavam ser imediatamente asseguradas. Encerra com a fala de Luiz Carlos Mendonça de Barros: “câmbio e taxa de juros não podem ser debatidos ideologicamente”, ao que a revista completa: **“O PT pode ir se preparando”**. Estava dada a senha para que o candidato “acalmasse” o mercado, o que seria feito com a divulgação da “Carta aos Brasileiros”.

Restava agora atacar os radicais e “limpar” o partido de sua “esquerda oculta e dissimulada”. Por isso, a capa: “O que querem os radicais do PT: entre os petistas, 30% são de alas revolucionárias. Ficaram silenciosos durante a campanha. Se Lula ganhar, **vão** cobrar a fatura. **O PT diz que não paga**” (*Veja*. 23/10/02). Os radicais são colocados na capa da revista às vésperas das eleições, denotando mais uma vez a divisão, estabelecendo o conflito interno do partido. Enuncia o editorial:

A reportagem mostra como o PT foi empurrando os radicais para as bordas, diminuindo sua influência nas decisões partidárias, a ponto de concorrer nas atuais eleições com uma plataforma de centro-esquerda. Tendo se apresentado aos eleitores com uma roupagem moderada, o PT, no entanto, manteve os radicais encastelados em seus quadros. O partido de Lula evitou a manobra clássica feita pelas esquerdas européias, por exemplo, de, ao migrar para o centro do espectro ideológico, fazer autocrítica e expurgar os extremistas. A reportagem apresenta os custos que essa opção pode vir a trazer para Lula caso ele seja eleito. E revela sua estratégia para evitar que os radicais atrapalhem seu governo. (*Veja*. 23/10/02: 9. Grifei)

Primeiramente, mostrou que o partido precisava ainda para manter a militância e agradar uma parcela do eleitorado, manter um discurso “radical”. Mas, já anunciava a necessidade de “expurgo” desses elementos que “se irritam com o discurso light do PT”. (Como expresso na entrevista de Heloísa Helena: “O discurso light do PT me irrita”. *Veja*. 23/10/02). Uma vez mais, a revista acaba dando a linha da postura do partido.

Há o fechamento de um ciclo histórico. A revista se manteve coerente com a postura anticomunista, ao mesmo tempo em que o partido se transformou. A postura de *Veja* se manteve a mesma, embora distinta: inicialmente de crítica total, a partir da explicitação do seu próprio programa, definindo a diferença com relação ao que era proposto pelo PT. Depois, apontando a divisão interna do partido, buscando resgatar aqueles que lhe pareciam próximos ao seu próprio projeto, e fazendo o possível para que se alinhassem, o que é feito também em outros lugares, como na atuação do Fórum Nacional (órgão formulador e articulador intelectual em estreita sintonia com *Veja*. Ver: Silva, 2005). Finalmente, alertando para a

necessidade de promover o expurgo daqueles que insistissem em manter um “discurso radical”. Essa prática, no entanto, não encerra-se aqui, pois a figura dos radicais continuaria sendo usada pela revista durante o governo Lula, o que deve ser ainda objeto de investigação.

Bibliografia

COELHO, E. (2005). *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF.

SILVA, Carla. (2001). *Onda vermelha: anticomunismos brasileiros*. Porto Alegre: Edipucrs.

_____. (2005). *Veja. O indispensável partido neoliberal*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF.